

**Histórias do cotidiano, biografia e representações políticas presentes
nas crônicas de Nelson Rodrigues (1967-1974).**

Edmar Lourenço da Silva (UNESP - Assis/SP - Bolsista CAPES)
Edmar Lourenço da Silva (UNESP - Assis/SP - Bolsista CAPES)

Com características de texto breve e de linguagem simples e relativamente descompromissada, o gênero literário crônica é um misto particular de jornalismo e literatura. Advindo dos “folhetins” franceses do século XIX - localizado em espaço próprio (os rodapés das primeiras páginas, especificamente) dos periódicos franceses de inícios do século XIX, os “folhetins” caracterizavam-se essencialmente de textos de entretenimento, variedades e frivolidades (MEYER, 1992) – a crônica dedica-se a registrar, a explorar, a interpretar, a aprofundar e a compreender fatos e circunstancialidades cotidianas do mais sublime ao mais ordinário da natureza humana. Em território brasileiro, principalmente a partir de meados do século oitocentista, a crônica, impulsionada pela crescente modernização técnica da imprensa brasileira, adquiriu características e contornos próprios (SOUZA, 1992). Sem a intencionalidade de se apresentar como reportagem, esse gênero literário, ao lidar com acontecimentos concretos, alia objetividade factual e subjetividade autoral. Através de recursos estilísticos como a metáfora, a antítese, a aliteração, o humor, a criação de personagens, entre outros, o cronista recria/representa fatos reais do cotidiano sem a pretensão *a priori* de ser inteiramente fiel a eles (SCHNEIDER, 2012; TUZINO, 2012). Como era, por exemplo, o caso do teatrólogo e escritor Nelson Rodrigues.

Personagens de um mesmo indivíduo, Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) recebeu as alcunhas de gênio, revolucionário, obsceno, reacionário, entre outras, durante os seus pouco mais de sessenta anos como indivíduo e artista de múltiplas facetas (FACINA, 2004). Teatrólogo e ficcionista renomado, Nelson Rodrigues produziu peças e romances como “A mulher sem pecado”, “Beijo no asfalto”, “Vestido de noiva”, “A vida como ela é...”, “O casamento”, entre outros, que recorrentemente são reencenadas e readaptadas cinematograficamente em palcos teatrais e salas de cinema do Brasil todo, respectivamente. Cronista esportivo e também político-confessional, o autor redigiu textos cronísticos para periódicos como “Jornal dos Sports”, “Jornal da Tarde”, “Manchete Esportiva”, “O Globo”, entre

outros, e exerceu a profissão de jornalista ao lado de mandatários da mídia como Roberto Marinho, Adolpho Bloch, Samuel Wainer e Assis Chateaubriand, por exemplo (SOUZA, 2006). E quanto ao que concerne a este texto, Nelson Rodrigues, através de opiniões sobre um país em rápida transformação, atuava político-discursivamente e de maneira direta e indiretamente na arena política dos anos finais da década de 1960 e inícios dos anos 1970 no Brasil, o que faz dele, na acepção mais extensiva do termo, um intelectual - mesmo quando o próprio recusava tal designação (FACINA, 2004; GOMES, 1999).

Inserido em um contexto internacional do pós-Segunda Guerra Mundial e daquilo que consensualmente se denominou por “Guerra Fria”, o Brasil dos anos 1960 e 1970 passava por um período de rápidas e irreversíveis mudanças nos âmbitos rural e urbano, pelo crescimento de indivíduos incorporados aos estratos médios da sociedade e que adquiriam padrões de consumo propagados pelo *american way of life* (em tradução livre: incorporação de hábitos de consumo à maneira norte-americana) etc. (MELLO, NOVAIS, 1998). Era também, é claro, o período do regime de exceção política da ditadura civil-militar. Perpassada por momentos de frustração, euforia e de acirramentos ideológicos na área político-social, a década de 1960 significou, entre outras coisas, ser o momento histórico das greves sindicais por melhores condições trabalhistas, dos movimentos artístico-sociais ligados ao “Cinema Novo” (entre seus principais expoentes, destacam-se os nomes de Glauber Rocha, Ruy Guerra, Nelson Pereira dos Santos, Paulo César Saraceni, Rogério Sganzerla, Leon Hirszman, Carlos Diegues), aos grupos teatrais “Oficina” (dos dramaturgos José Celso Martinez Correa, Amir Haddad, Renato Borghi e Carlos Queiroz Telles) e “Opinião” (ligado, em seu nascedouro, ao CPC – Centro Popular de Cultura – o grupo teatral adquiriu sucesso nacional com um musical homônimo e que continha a presença de Nara Leão, João do Vale e Zé Keti), à “Tropicália” (de Torquato Neto, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Hélio Oiticica etc. etc.), das manifestações estudantis ocorridas pelas universidades e ruas do país, das prisões arbitrárias e seguidas de tortura e morte, das censuras à liberdade de expressão e pensamento, das cassações políticas e dos exílios forçados, das ações religiosas ligadas à “Teologia da Libertação” (Leonardo Boff e Carlos Alberto Libânio Christo - Frei Betto - são os principais nomes no Brasil), das

ações de luta armada e paramilitares empreendidas pela esquerda (ALN, MR-8, VPR, AP, eram apenas alguns dos principais nomes) e pela direita (aqui, destaque ao Comando de Caça aos Comunistas) brasileiras, respectivamente (RIDENTI, 2007; ROLLEMBERG, 2007). Enfim, os anos 1960 exibiram transformações culturais e sociais jamais presenciadas antes, como, por exemplo, o abismo entre as gerações de adultos e de jovens e o culto e a massificação cultural deste último grupo etário das sociedades ocidentais. (HOBSBAWM, 1995).

Em clima atmosférico de continuidade aos anos 1960, a década de 1970 no Brasil ainda estava sob os comandos do regime militar. Porém, algumas diferenças se impõem. Embora tenham ocorrido movimentações de guerrilhas de esquerda, como a denominada “Guerrilha do Araguaia” (fortemente repreendida pelos soldados e também por agentes civis do regime autoritário – como eram os casos da OBAN e do DOI-CODI), o Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 1968 promoveu imensas perdas aos direitos civil, político e social brasileiros e reprimiu (através de assassinatos e prisões) as atuações dos grupos armados de esquerda anteriormente citados (RIDENTI, 1993). Por outro lado, a primeira metade dos anos 1970 marcou-se também pelo “milagre econômico” baseado em uma economia plutocrática, que, juntamente com a conquista pela seleção brasileira masculina de futebol da “Copa do Mundo” de 1970 realizada no México, propiciou a crença ufanista - e muito divulgada pela propaganda publicitária do regime autoritário – de um país economicamente próspero e politicamente forte (FICO, 2007; MELLO, NOVAIS, 1998). Relacionada a um momento desfavorável da economia internacional e também por suas políticas econômicas governamentais de arrocho salarial e de desequilíbrio social e, somado a isso, de desvelamento de casos de tortura ocorridos nos “porões” da ditadura (como, por exemplo, do famoso caso envolvendo o jornalista Vladimir Herzog) e ao gradual descontentamento de setores civis da sociedade brasileira para com o regime militar, a segunda metade dos anos 1970 caracterizou-se pelo longo jogo político denominado por “distensão política” / “transição política” e pela Lei de Anistia (contando, inclusive, com setores do feminismo ascendente na sociedade brasileira do período) que culminariam, posteriormente, no processo de redemocratização da sociedade brasileira (EARP, PRADO, 2007; FICO, 2007; TEIXEIRA DA SILVA, 2007).

Atuante intelectualmente dentro desse contexto histórico brevemente relatado, Nelson Rodrigues com sua verve literária de matizes conservadoras difundiu, através de duas colunas jornalísticas designadas “Confissões” e “Memórias” e publicadas nos jornais “O Globo” e “Correio da Manhã”, respectivamente, opiniões sobre fatos e situações cotidianas de um país em transformações nos modos, nos costumes e de grandes agitações político-sociais, entre os anos 1967-1974. Dentre os mais variados assuntos, a morte, o amor, o adultério, a educação sexual, a Igreja “progressista”, a juventude bajulada, a imprensa de linguagem objetiva, a classe artística, entre outros, eram frequentemente abrangidos por um escritor de convicções e pensamentos próprios. A seguir, alguns exemplos.

Em uma crônica não datada publicada no livro *A menina sem estrela*, Nelson Rodrigues relata sobre a importância que as lembranças e experiências à época de sua infância (como, por exemplo, o Carnaval antigo) vivida na Rua Alegre (localizada no antigo bairro denominado por Aldeia Campista) têm sobre sua vida e obra:

Sento-me para escrever e vem, de fora, pela janela, a nostalgia da Rua Alegre. Eis a verdade: — sou, antes de tudo, a Rua Alegre. Não Olinda, não Tijuca, ou Copacabana, mas Rua Alegre. E foi lá que, aos seis anos, tornei-me testemunha ocular e auditiva de uma cena desesperadora. O episódio ocorreu depois de um Carnaval. Estávamos em mil novecentos e vinte e poucos. E o Carnaval antigo era a mais lúgubre das festas (RODRIGUES, 1993a, p.243).

Em outro texto intitulado “O septuagenário nato” do livro *O óbvio ululante*, datado a onze de janeiro de 1968, o autor discorre sobre as diferenças de um Brasil antigo e moderno, do tempo em que era fascinante ser velho ao tempo em que a juventude tornou-se consideravelmente enaltecida:

Ah, no antigo Brasil era uma humilhação ser jovem”. Só me lembro de uma meia dúzia de rapazes. Os rapazes escondiam-se, andavam rente às paredes e, para eles, a velhice era uma utopia fascinante. Por toda a parte, havia uma paisagem de velhos em flor. A palavra do velho parecia soar numa acústica de catedral. Bem me lembro de um de oitenta anos, nosso vizinho. Muitas vezes, por cima do muro, eu o espiava. Ainda por cima, hemiplégico. Pois eu achava linda essa hemiplegia. Com meus sete anos gostaria de tremer como ele e de ter a mão entevada, os dedos recurvos. E tudo mudou. Agora o importante, o patético, o sublime é ser jovem. Ninguém quer ser velho. Há uma vergonha da velhice. E o ancião procura a convivência das Novas Gerações como se isso fosse um rejuvenescimento. Outro dia, dizia-me uma jovem senhora: — ‘Tenho

mais medo da velhice do que da morte'. Quer ser defunta e não quer ser velha (RODRIGUES, 1993b, p.90-91).

Por fim, como último exemplo de excerto de crônica rodrigueana, em “O Brasil nazi-stalinista” do livro *A cabra vadia*, datado a vinte de julho de 1968, Nelson Rodrigues aborda o assunto da liberdade frente a temas como o pacto germano-soviético de 1939, à ação dos grupos armados de esquerda e às ações de importantes setores sociais da época. Segue-se trecho em que o autor exprime críticas às atitudes “ambíguas” de indivíduos como d. Hélder Câmara, dr. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) e José Comblin:

Eu me consideraria o último dos infames se, algum dia, me solidarizasse com a violência. Para mim, a liberdade está acima do pão (e, por isso, o pequenino Stalin ou o pequenino Hitler há de me considerar o mais bestial dos reacionários). D. Hélder e dr. Alceu são contra e a favor da violência. Assumem uma ou outra atitude, taticamente, segundo as conveniências de momento. Outro dia, li, no d. Hélder, no Dr. Alceu e no padre Comblin, que a guerrilha ‘não adianta’. Não se trata de uma objeção moral, religiosa, humana, ou que outro nome tenha. Eles se opõem pela ineficácia. Só. A dedução é óbvia: — se a carnificina fosse proveitosa, devíamos sair por aí chupando as carótidas uns dos outros. Singular caridade de d. Hélder, do padre Comblin e do dr. Alceu (RODRIGUES, 1995, p.182-183).

Portanto, com base em que foi relatado desde o início do texto, é possível estabelecer algumas inferências sobre a possibilidade da literatura cronística como fonte historiográfica e sobre os relatos biográficos de Nelson Rodrigues, somados às opiniões políticas do mesmo, inseridos na conjuntura histórico-política dos anos 1960-1970 no Brasil. Quanto à primeira dessas temáticas, a crônica enquanto texto polimorfo ambientado entre a literatura e o jornalismo - ou entre a predominante subjetividade autoral e o discurso pretensamente objetivo, respectivamente -, apresenta-se como “imagem de um tempo social” e também como “narrativa do cotidiano” construída discursivamente pelo cronista e entendida, dessa maneira, como “documento” propiciador da mútua relação entre História e Literatura, entre objetividade e subjetividade e entre ficção e realidade (NEVES, 1992).

Por fim e já referente à segunda temática, os cognomes de “obsceno”, “gênio”, “revolucionário”, “reacionário”, entre outros, recebidos por Nelson Rodrigues são partes constituintes de um mesmo indivíduo de personalidade convicta e capacidade criativa diversas e qualquer tentativa que incorra em um relato linear e

supostamente coerente e unívoco sobre a vida e obra de Nelson Rodrigues será um despropósito biográfico, à medida que tal tentativa seria uma “ilusão” que corresponde aos interesses e impulsos anteriormente concebidos por alguém (BOURDIEU, 1996). Bem mais importante do que isso, é buscar compreender as opiniões políticas rodrigueanas (contraditórias, nostálgicas, convictas, humorísticas, múltiplas) como representações e práticas discursivas de um indivíduo social inserido em um determinado contexto e espaço históricos e ao mesmo tempo atuante intelectualmente sobre essa mesma realidade social (CHARTIER, 1990).

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.183-191.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

EARP, Fábio Sá; PRADO, Luiz Carlos Delorme. O “milagre” econômico brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4. p. 207-241.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4. 167-205.

GOMES, Ângela de Castro. Os historiadores de Autores e Livros. Autores e livros. Intelectuais, geração e sociabilidade. O “pequeno mundo” dos historiadores. In: _____. **História e historiadores: a política cultural do Estado Novo**. 1.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996. cap.2. p.27-74.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando Antonio. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.v.4. p. 559-658.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SOUZA, Antônio Candido de Mello e. et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: SOUZA, Antônio Candido de Mello e. et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: UNESP, 1993.

_____. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4. p.133-166.

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela: memórias.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.

_____. **O óbvio ululante: primeiras confissões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993b.

_____. **A cabra vadia: novas confissões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4. p. 43-91.

SCHNEIDER, Ivan Claércio. **Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?.** 2013. Disponível em: <http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalistica.pdf> Acesso em: 18 jan. 2013.

10.4025/6cih.pphuem.489

SOUZA, Antônio Candido de Mello e. A vida ao rés-do-chão. In: _____. et al. **A Crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano:** o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4. p. 243-282.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica:** uma intersecção entre o Jornalismo e Literatura. 2013. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.